



«REDACÇÃO DO ESPOZENDENSE»

Director, administrador e propriet.—José da Silva Vieira

Editor—Julio de J. Giesteira Lima

Composição e impressão—Typ. Espozendense—Espozende

ASSIGNATURA

Anno, sem estampilha 65000 rs.—Numero avulso 200 rs.—Com  
estampilha e para fóra 85000 rs.—Brasil, (Moeda forte), 205000 rs.

Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

ANNUNCIOS

Judiciaes: linha ou esp. de linha 30 c. Repetição, 70 c.—Comun. ou re-  
clames, linha 25 c. Imposto do sello, cada publicação, 15 c.—Anuncios  
particulares: l. 30 e 25. Reclames a obras literarias med. um exemp. Não se restituem originaes

## NO INTERESSE DESTA REGIÃO

# Caminho de ferro da Povoá a Braga, por Espozende e Barcelos.

Porque se trata de um melhora-  
mento de incontestavel alcance e de  
largo futuro para esta terra não po-  
demos deixar de fazer referencias a  
um artigo do jornal *A Epoca* em que  
o mesmo caminho de ferro sofre trat-  
tos de polê.

*Nemo*, que por sinal é alguem, a  
quem sobra a competencia e cuja au-  
toridade é reconhecida por muita  
gente, tomou á sua conta o projectado  
caminho de ferro e jurou pôr tudo  
num frangalho. Sua Ex.<sup>a</sup> não é de  
opinião que se faça a ligação directa  
com a Povoá e tão pouco que o cam-  
minho de ferro vá alem de Barcel-  
los.

Modos de ver, muito respeitaveis  
talvez, mas absolutamente prejudi-  
ciaes ás regiões atravessadas pelo  
mesmo caminho de ferro.

*Nemo* encara talvez o problema  
sob o ponto de vista tecnico, que-  
rendo remediar primitivos defeitos  
de construção e por isso quebra lan-  
ças para que o entroncamento se fa-  
ça em Laundes, pondo de parte a  
Povoá e as freguezias á beira mar,  
onde a população é densa, a agricul-  
tura extraordinariamente desen-  
volvida e onde a futura companhia  
deverá ter um movimento fora do  
vulgar. E para cohonestar e defender  
a sua opinião, traça no mapa, que  
vem na *Epoca* de 28 de Março, um  
rabisco, com uma enorme saliencia,  
especie de mamilo monstro, que por  
pouco não chega a Fão, donde  
segue a linha até Espozende.

Diz ainda sua Ex.<sup>a</sup> que se vão  
gastar contos e contos numa dupli-  
cação, que pensando bem, são al-  
guns kilometros apenas.

Nós minhotos, quasi sem linhas  
ferreas, com estradas detestaveis,  
servidos por meios de transporte  
carissimos e immensamente ordina-  
rios é que devemos ser parte com-  
petente para julgar.

Quem de Espozende se dirija a  
Braga, tem em Nine, indo nos com-  
boios correios, uma hora e meia de

espera, isto se os comboios andarem  
á tabela.

*Nemo*, que com certeza não tem  
que suportar a tirania das compa-  
nhias, pretende mimosear-nos com  
uma estação de Nine, n.º 2, em  
Laundos.

Pode conseguilo, mas não sem o  
nosso mais veemente protesto.

De mais, *Nemo*, o Estado e a  
Companhia dos caminhos de ferro  
Porto, Povoá, Famalicão nada tem  
com isto, porquanto nenhuma dessas  
entidades concorre para este cam-  
minho de ferro nem com cinco reis, e  
se alguma coisa fazem é para empa-  
tar um melhoramento, que só *Nemo*  
e o snr. Ministro do Comercio con-  
sideram *menos bom*.

Pois se até a garantia dos juros  
é paga pelos concelhos que pedem a  
linha do caminho de ferro, que vem  
aqui fazer *Nemo* com a sua preten-  
dida economia!

Quer *Nemo* tambem que os cam-  
minhos de ferro de via reduzida se-  
jam todos de uma empresa unica de  
forma a terem uma certa homoge-  
neidade.

Não era mau. Mas essas empre-  
sas não querem, ninguem as obriga  
e tanto *Nemo* está convencido dis-  
so que defendendo ás cegas, a sua  
dama, a companhia Porto Povoá Fa-  
malicão manda esta facada ás em-  
presas concessionarias dos caminhos  
de ferro do alto Minho—reclame-se  
o termo da situação indelénida em  
que se encontra o caso das linhas do  
alto Minho presas a uma concessão  
sem viabilidade... não se lembrando  
que ha mais de 20 anos a Com-  
panhia P. P. F. tem a concessão Po-  
voá Espozende e nada fez.

E' justo? Não.

Compreende-se que nós Espo-  
zendenses nos revoltamos, que lan-  
cemos mão de tudo para conseguir  
esse grande melhoramento que é o  
caminho de ferro, que façamos co-  
mícios, que para alcançar os nossos

fins passemos por cima de tudo e  
de todos, mas não se comprehende  
que *Nemo*, homem sisudo, no ulti-  
mo quartel da vida, espirito ponde-  
rado e reflectido, habituado a lidar  
com grandes massas de população,  
venha bater-se contra concelhos in-  
teiros, contra um districto, só para  
fazer vingar o seu ponto de vista,  
que não tem razão de ser.

Pelo que lemos nos jornaes e  
pelo que dizem as pessoas que fo-  
ram a Lisboa tratar com sua ex.<sup>a</sup>  
o snr. Ministro do Comercio o caso  
dos caminhos de ferro, vê-se que a  
opinião do ministro se confunde  
com a de *Nemo*.

Dar-se-ha o caso que seja o snr.  
Nuno Simões quem faz os artigos  
da *Epoca* e *Nemo* o ministro do  
Comercio?

...E até porque mesmo na *E-  
poca* se diz—«não se vitupere o mi-  
nistro que em vez de chancelar do-  
cilmente e ás cegas um projecto mal  
estudado pretende encarar o proble-  
ma com *esclarecido criterio* e dar-  
lhe a solução que *mais convem* aos  
interesses da provincia, integrando-o  
num plano geral e methodico...»

O grifado é nosso: *a bon enten-  
deur*...

Tanto o snr. ministro do Comer-  
cio como *Nemo* tem discutido com  
entusiasmo exagerado este pequeno  
caso do caminho de ferro. E *Nemo*  
na *Epoca* de 29, volta á carga con-  
tra o nosso caminho de ferro na lo-  
cal—«Silencio impossivel».

Impossivel não é, mas é triste  
que alguem se meta ua nossa vida  
com o unico fim de nos prejudicar,  
de mais a mais não sendo aqui cha-  
mado.

Não fazer e não deixar fazer, não  
se comprehende.

*Nemo*, agarra-se a tudo para le-  
var a agua ao seu moinho, chegan-  
do até a esta afirmação—«visiona-  
se já o famoso porto dos Cavalos de  
Fão, duplicação do de Leixões...»  
salvo o devido respeito, visionario é  
*Nemo*, que até nos quiz encravar  
com as dificuldades monetarias da  
construção do porto dos Cavalos,  
quando a verdade é que todos os  
Espozendenses, com excepção de  
Chaves Coupon, se contentam com  
o encanamento do Cavado do Sal-  
vavidas à barra, obra muito modes-  
ta, muito realisavel, barata, e que  
será o bastante para que o porto de  
Espozende seja acessivel a barcos  
de carga de regular tonelagem.

Feito isto, e a nossa Junta Au-  
tonoma pensa no caso a valer, não  
ha argumento algum que nos con-  
vença que o terminus da linha de-  
va ser Barcelos. Não pode ser. Se  
as mercadorias importadas por Es-

pozende tiverem de ser baldeadas  
em Barcelos, chegam a Braga mais  
*caras* e gastando mais tempo do que  
mandando-as vir do Porto, quando  
o percurso a seguir, Braga Espo-  
zende é muitissimo mais curto.

Mas como não ha peor cego que  
o que não quer ver, esbarramos  
com as duas entidades. *Nemo* e mi-  
nistro do Comercio, de mãos dadas,  
para calcar aos pés, os interesses  
d'uma região inteira, defendendo um  
traçado—Povoá Barcelos, a que *Ne-  
mo* chama o que—*mais convem*, mas  
não diz a quem, nem porquê!

E' preciso que todo o Districto  
de Braga se levante e faça conhe-  
cer a sua vontade a quem nos go-  
verna, para que nos façam justiça.  
Que não haja desanimos, nem de-  
fecções e, conservando-se as Cama-  
ras interessadas unidas como até  
aqui, havemos de vencer, ainda que  
pese aos dois inimigos do nosso  
bem estar, do nosso progresso e  
do nosso futuro.

## De longes terras...

Quelimane, 1 de Janeiro de 1924.

Mais um anno vai passado, cá  
n'este voluntario exilio e graças  
sejam dadas a Deus Nosso Se-  
nhor, na melhor disposição de  
espirito e de saúde e se não fos-  
se o *delicioso pungir de acerbo es-  
pinho*, como chama Garret, á sau-  
dade, tudo correria pelo melhor.  
Saudades dos meus, saudades  
dos amigos, saudades da minha  
linda terra e saudades de...ou-  
tras saudades.

Mas, coração ao largo e já que  
a sorte não vem em meu socor-  
ro, pois apesar de 1 bilhete da  
Loteria do Natal d'ahi e outro da  
loteria de Lourenço Marques que  
eu tinha sabiram os premios aos  
outros, como de costume. Haja  
saude e graça de Deus, que mais  
valem que contos e contos de  
reis... perdão de escudos, ou me-  
lhor de *chamiços*, como soe aqui  
chamar-se ás notas do B. N. Ul-  
tramarino, que trazem a gravu-  
ra do falecido ex-director, Cha-  
miço.

Mas que tendes, na realida-  
de, vós, com isto, meus leitores  
e simpaticas leitoras? Para vos  
agradecer de lerdas tão insulsa  
prosa, apresento-vos os melho-  
res desejos de um Anno Novo,  
preche de felicidades e venturas,  
bem como ao amigo Vieira, pela  
massada de compôr e publicar  
estas tretas.

—Então já sei que os Com-  
brios se cruzam por essas estradas,  
em um vai-vem insurdecedor,  
despejando *touristes* aos centos,  
toneladns de mercadorias e  
carreando d'ahi Wgs e Wgs de  
peixe, sacos e sacos de cereaes  
etc. Minha pobre e infeliz terra,  
que enguçada e não ha Senhora  
do Amparo, ou antigo P.º Chaves,  
que com a estola de cabedal,  
te faça sahir do corpo, vai  
maldito *Brazabum*, que lá se incubou  
e que se tornou um raio de feitiço  
que não ha raio que o... tire. Ah!  
que falta faz a bruxa de Palmeira,  
que por meia parda de pão,  
extrahia esse maldito e o mandava  
para as profundas do inferno  
ou para o mar alto, onde não  
canta galinha nem gallo. Minha  
pobre e infeliz terra, que quando  
se projecta ou alguém trata de  
melhoramento para ti util,  
aparecem logo os impatas a  
estragarem tudo e a exforçarem-se  
para que nada se faça! Agora até  
os *graúdos* da VILA de Fão!

Mas que faz essa gente d'ahi!  
Mecham-se, trabalhem juntos,  
esforcem-se em auxilio mutuo.  
deixem-se de democratismo ou  
nacionalismo e arvorem só a  
bandeira do bem estar da terra.

Bem sei que a mudança, quasi  
diaria, de ministerios que ahi  
se dá, estraga todos os esforços  
evidados; mas não desanimem  
e mãos a obra, pois esse melho-  
ramento seria um dos de maior  
alcançe para o nosso concelho.  
Avante, pois.

—Parece-me que li em algum  
jornal de Lisboa, que foi concedido  
um subsidio para as obras do  
encanamento das aguas. Já não  
era sem tempo isso e vamos a  
ver se essa utopia se torna ou  
não realidade, pois já não é sem  
tempo, que isso se faça, mas  
parece-me, diz-me cá um dedo  
que tenho e que é advinho, que  
ficará tuído na mesma. Continuar-se  
ha a beber a pouca e porca  
agua da fonte e dos poços e viva  
o velho, que é melhor que nada.

(Continúa)

Xavier Viana

## A CAIXA ESOLAR

### Tinha de ser...

E' bem certo que «as cousas  
dêste mundo são como a lua,  
nunca permanecem as mesmas,  
antes para cada dia teem sua figura».

Quem havia de dizer que á  
borrasca dontem sucedia a bonança  
de hoje!

A uma traulitada toda furibunda  
e viperina, seguiu-se outra mais  
mansa e meliflua.

### Sic transeat...

Mas insultar, desviar a questão  
para o lado do ataque pessoal, não!  
Isso não!

Eu só respondi. E a resposta  
é uma delicadeza e um direito. Se  
ela foi azeda, é porque a pergunta  
tambem o era. Assim como se canta  
assim se dança, diz o adagio popular.  
Foi a lição que a mãe deu  
ao rapaz, quando elle se queixou  
de ter ouvido no bosque o eco  
de suas palavras.

Olha, filho, disse ela, o que nós  
ouvimos na vida é quasi sempre  
o resultado de nossas acções.

O monstrosinho nascido aí para  
os lados do Cais, é que, logo ao  
soltar os primeiros vagidos de sua  
vida curta, efêmera ou real, appare-  
ceu, empestandó o ambiente, res-

pirando ofensas e agravos por todos  
os poros, por todos os lados. A  
sua aparição foi feita em campo  
aberto de ataque pessoal.

Na primeira fase de sua vida  
produziu a pergunta do leitor, que  
é um veneno, cujos efeitos não há  
antidoto que os destrua.

Na segunda, o quadro, tão infel-  
izmente pintado, do Cirinea com  
Pilatos á procura do Judas, que se-  
rão todos os professores desta escola,  
no dizer do *Cavado*, que acenam  
com livros às crianças, dando-lhes,  
em troca dêles, holocaustos  
com queimaduras de ferro em brasa.  
é miseravel! Mas mais que tudo  
é infame a insinuação da atracção  
dos «cobres» a mãos limpas, contra  
o que eu protesto, devolvendo  
intacto o insulto ao seu autor.

E na terceira, que é o epílogo, ha  
a hipocrisia, o misterio que é in-  
sondavel.

O conhecimento proprio do hom-  
em tão bem substanciado no concei-  
to do filósofo antigo—conheça-  
mo-nos a nós mesmos—resumo-se  
simplesmente no cumprimento dos  
nossos deveres

Mas nós na luta pela vida tam-  
bem temos de pugnar pelos nossos  
direitos, e então é que, muitas vezes,  
aparecem os mystificadores com  
Sócrates nos lábios e Frei Tomás  
no coração.

Daí a mentira e n vez da ver-  
dade. Daí o opressor com toros de  
oprimido. Daí o agressor em vez do  
agredido.

Eu sou um admirador de João  
de Deus, um apologista e seguidor  
do seu Método de leitura, o  
melhor que até hoje tem apparecido,  
admirado e seguido no Estrangeiro.  
Mas no que mais o admiro é na  
vida do lar, no que só desejava ser-  
lhe inexcedível.

A ceifa em seara alheia não está  
dentro do âmbito do,—*nosce te  
ipsum*—porque é a invasão de a-  
tribuições estranhas, estando nesse  
caso a Caixa Escolar, que não é um  
patronato, mas uma instituição que  
tem de ser administrada só debaixo  
do império da lei.

E, no meu posto, também *sem-  
per ridendo, semper ridendo*, ponho  
fim á polémica, desejando que o  
monstrosinho que o *Caaado* tão car-  
inhosamente recebeu em seus braços,  
bafejou e beijou, tenha um sóno  
profundo *per omnia secula seculo-  
rum*.

### Tinha de ser...

Espozende, 31-3-924.

J. M.

## OURIVESARIA SILVA ESPOZENDE

**Paga o ouro e a  
prata mais do que no  
Porto.**

## O CONGRESSO DO MINHO

Não obstante os inteligentes e  
perseverantes esforços de alguns  
com-provincianos illustres, ainda  
hoje se não tornou possível a realiza-  
ção do grande Congresso Minhoto,  
já anunciado para Setembro do ano  
findo. E' sumamente doloroso é de  
constatar que na hora em que as  
regiões se organisam com entusias-  
mo e paixão, em absoluto descren-  
tes da acção do poder central, o Mi-  
nho permanece num marasmo noci-  
vo, dormindo desprevidamente o  
eterno sono dos comodistas.

A nossa região, poetico scenario  
da beleza, habitada por uma raça

laboriosa e nobremente portuguesa,  
vai arrastado assim uma existencia  
de completo abandono onde a iner-  
cia dos seus habitantes a projectou.

A agricultura, nossa grande fonte  
de riqueza a brotar dum solo aben-  
çoado permanece na rotina de ha  
cincoenta anos; as estradas tor-  
nam-se pouco a pouco intransita-  
veis, sem que se procure acudir a  
tão perigos) inconveniente de or-  
dem economica; os nossos monu-  
mentos vão-se pouco a pouco des-  
moronando, numa incuria iconoclasta  
perante esses vivos padrões de  
gloria idas e da arte nacional; a in-  
dustria do turismo numa região de  
deslumbrantes paisagens não passa  
duma mera fantasia oficial; e, por  
cima de tudo isto, faltam-nos as es-  
colas, os estabelecimentos de assis-  
tencia e as vias ferreas.

Eis, em duas palavras, uma se-  
rie de problemas de alta importan-  
cia, para a solução inteligente dos  
quais seria sem duvida altamente  
vantajosa a acção dum congresso  
onde acorressem todos os valores  
regionais.

Por isso, do nosso recanto obs-  
curo de gazeta provinciana, lança-  
mo novamente o nosso vibrante ap-  
pelo, para que não esmoreça tão ge-  
nerosa ideia. Esse apelo nada val-  
erá se ficar isolado, mas será profi-  
cuo e patriotico quando secundado  
por todos os minhotos dignos dessa  
nome, que fervorosamente amam e  
terra amavel e linda que os viu  
nascer.

Do Minhoto.

### A' ultima hora

Temos novo artigo em resposta á EFOCA  
em que ele visa o ex.º Governador Civil a  
proposito do nosso Caminho de Ferro. A falta  
de espaço não nos deixa hoje dar-lhe publicidade.

## BOMBEIROS VOLUNTARIOS

### NOVA RECITA

A prestãte e bemquista Asso-  
ciação dos Bombeiros Voluntarios  
desta vila, da qual faz parte um  
grupo scenico constituido por dis-  
tintos amadores, já meteu a ensaios  
uma nova peça que segundo nos  
informam irá á scena no proximo  
domingo de Páscoa. Ao que nos  
parece esta peça é original do gran-  
de escritor portuguez Camilo Cas-  
telo Branco, consagrado auctor do  
explendido romance «O Amor de  
Perdição».

A briosa corporação dos Bom-  
beiros Voluntarios é digna de toda  
a protecção, pois é das mais bem-  
quistas associações que temos a  
dentro dos marcos da vila.

Hurrah pelos Bombeiros Volun-  
tarios

### Cinema

Teve logar no ultimo saba-  
do, domingo e segunda-feira, no nos-  
so teatro a emocionante fita cine-  
matografica—«Vida de Christo»—  
que teve de todas as vezes enchen-  
tes de espectadores.

Alem destas fitas exhibiram-se  
outras que tambem agradaram mui-  
to.



“MARITIMA”

NOVA AGENCIA DE

PASSAGENS E PASSAPORTES  
(Legalmente habilitada e caucionada)

Candido V. Carneiro

Agente official do districto de Braga

RUA DIREITA, 140  
Barcelos

# Banco de Barcelos

Fundado em 1875

SÉDE EM BARCELOS

Emissão de 4.880 contos tomada firme e des-  
tinada ao desenvolvimento do BANCO DE BAR-  
CELOS, ao progresso e fomento regionaes e ao  
estabelecimento de sucursais em Lisboa e Porto,  
para o que este Banco já adquiriu a maioria absolu-  
ta das acções do Banco Internacional do Comercio,  
com séde na rua do Comercio, Lisboa, e delegação  
no Porto, Largo dos Loyos.

A emissão será de 97.600 acções do valor no-  
minal de Esc. 50\$00 cada acção, com direito ao di-  
videndo de 1924 na proporção do tempo decorrido ap-  
pós a integralisação das respectivas acções.

As acções nominativas ou ao portador, são ofe-  
recidas á subscrição publica ao preço de Esc. 60\$00

Os actuais accionistas teem direito a subscrever  
tantas acções quantas possuam da primeira emissão,  
ao preço de Esc. 45 cada acção.

### O pagamento será feito:

No acto da subscrição, Esc. 20\$00  
Até 30 dias depois, Esc. . . . 20\$00  
Até 60 dias depois, Esc. . . . 20\$00

Para os actuaes accionistas, a ultima prestação é de  
Esc. 14\$00.

A subscrição está aberta até 15  
de Abril, nesta vila, na casa

Brandão & C.ª, L.ª